



Representações simbólicas da Liberdade.

"Not like the brazen giant of Greek fame
With conquering limbs astride from land to land;
Here at our sea-washed, sunset gates shall stand
A mighty woman with a torch, whose flame
Is the imprisoned lighting, and her name
Mother of Exiles. From her beacon-hand
Glow world-wide welcome..."

Emma Lazarus, "The New Colossus"

Os símbolos americanos da Liberdade estão omnipresentes nos Estados Unidos. As suas representações icónicas vêem-se todos os dias nos mais variados locais, desde o topo da cúpula do edifício do Capitólio, em Washington, D. C. até à entrada do porto de Nova Iorque e em anúncios nos *écrans* das televisões. O desejo de Liberdade, presente desde o início quando os colonos obtiveram a independência da Grã-Bretanha, e o símbolo de *Freedom*, a liberdade da América para realizar o seu "Manifest Destiny", serviram também, como era inevitável, de inspiração a obras literárias e artísticas. O conceito está interiorizado no espírito e na memória colectiva dos Americanos e, embora a sua definição e significado tenham mudado desde o início, a sua representação continua a ser um dos ícones simbólicos da grandeza da América.

Com o objectivo de contribuir para a análise e interpretação dos vários significados que a imagem da Liberdade foi tendo ao longo do tempo para os Americanos, podem ouvir-se algumas das vozes que a cantaram ou representaram. Irei, assim, referir-me às representações escultóricas da Estátua da Liberdade e

de *Lady Freedom* e às vozes poéticas de Emma Lazarus e de Rita Dove, que, entre outros, as cantaram em verso.

É do conhecimento geral que a Estátua da Liberdade foi uma oferta generosa dos Franceses à América, cujos ideais de liberdade e de oportunidades para todos quiseram, deste modo, honrar. Porém, a criação do monumento esteve envolvida em lutas políticas. Segundo o historiador Marvin Trachtenberg, na sua obra *The Statue of Liberty* (1976), a ideia de esculpir uma estátua da Liberdade surgiu ao escultor francês Frederic Auguste Bartholdi, que sempre desejara realizar uma estrutura de dimensões colossais, durante um jantar em casa do activista político Edouard-René Lefebvre De Laboulaye. Este viria, mais tarde, a ser chefe de governo da 3.^a República mas, na época, pretendia ser o mecenas de um enorme monumento que pudesse ser utilizado como propaganda contra os conservadores que, em França, chefiavam o governo de então. As primeiras discussões a este propósito tiveram lugar entre ambos em 1871, mais de quinze anos antes de a famosa estátua se erguer no porto de Nova Iorque.

Como preparação para a sua tarefa, Bartholdi fez múltiplos esboços da escultura tendo ido também várias vezes aos Estados Unidos. Consciente da agenda política do seu patrono, o governo francês, o escultor colocou a estátua a olhar por cima das águas do Atlântico em direcção à França, na esperança de que os países europeus compreendessem a força da sua mensagem e colocou-lhe um livro e um archote nas mãos a fim de iluminar o caminho do mundo em direcção à democracia. Um dos seus objectivos seria que ela fosse um ícone dos ideais republicanos franceses. Os Americanos, por seu lado, interpretaram-na de modo diferente e veio a ser o grande símbolo da oportunidade de sucesso que o seu país representava.

No início, contudo, a vinda da gigantesca estátua constituiu um problema devido ao facto de que, ao contrário do que se esperava, os cidadãos importantes, contactados por Bartholdi durante as suas visitas – embora o tivessem prometido – não

conseguiram erigir em tempo um pedestal onde ela seria colocada ao chegar aos Estados Unidos. Foi apenas graças aos esforços de Joseph Pulitzer, o director do periódico *New York World*, que os fundos necessários para terminar o enorme pedestal foram obtidos. A contribuição popular, muitas vezes sob a forma de notas de apenas um dólar que correspondiam a donativos das crianças das escolas, permitiu finalmente que, em 1886, a Estátua da Liberdade pudesse ser inaugurada em Bedloe's Island, sendo os véus que a cobriam levantados pelo Presidente Grover Cleveland que, então, discursou perante milhares de Americanos.

A Estátua da Liberdade, com as suas dimensões gargantuescas (46 metros de altura, 225 toneladas de peso), tinha sido entregue ao Embaixador da América, em Paris, em 4 de Julho de 1884. Foi transportada de Paris para Nova Iorque dividida em trezentas peças acondicionadas em duzentos caixotes, sendo que, só o archote, encheu vinte e um deles. Chegou à América em 17 de Junho de 1886 e foi finalmente instalada no monumento desenhado por Richard Morris Hunt, onde permanece até hoje.

Em 2 de Dezembro de 1916, o Presidente Woodrow Wilson, que tinha acabado a sua campanha eleitoral, veio à ilha de Bedloe – desde 1956 designada como Liberty Island – com o objectivo de inaugurar o novo sistema de iluminação da estátua. Estava preocupado com a guerra na Europa e começava a duvidar que o seu país pudesse deixar de se envolver no conflito. Estava também consciente das dúvidas da nação sobre si própria e previa que teria de vir a votar favoravelmente uma lei que iria impedir a entrada a novos imigrantes da Europa do Sul e do Leste, facto que significava uma quebra com a tradição anterior. Sendo ele próprio um historiador, sabia o significado do movimento livre dos povos e as exigências da referida alteração perturbavam-no.

A escultura de Bartholdi veio a tornar-se um monumento nacional em 1924. Primeiro sob a responsabilidade do War

Department e posteriormente, a partir de 1933, sob a alçada do National Park Service do Department of the Interior. De forma irónica, foi nesse mesmo ano de 1924, quando se celebrava oficialmente a Estátua e ela deixou de ser a "Mãe dos Exilados" para se transformar num monumento erguido à Liberdade, que a América, através de uma lei, fechou as suas portas aos recém-chegados vindos da Europa. Vivia-se a época do chamado *Red Scare* que restringia severamente a liberdade de expressão e aproximava-se a dolorosa agonia da depressão económica que veio a deixar milhões na miséria. Curiosamente, o aniversário dos cinquenta anos da inauguração da estátua foi celebrado em 1936, de novo em plena crise eleitoral.

Passando a reflectir sobre outro tipo de representações artísticas, podemos considerar poemas inspirados pela Estátua da Liberdade. Entre eles, tem de se mencionar um poema da autoria de Emma Lazarus intitulado "The New Colossus" que foi publicado em 1883 e fazia parte do já referido projecto em que participaram artistas e escritores com o objectivo de angariar fundos para a construção do pedestal. Nos seus versos, que vieram posteriormente a ficar famosos, além de comparar a estátua ao Colosso de Rhodes, Emma Lazarus falava do modo como os Judeus americanos esperavam formar a sua nova nação nos Estados Unidos da América.

Estas referências da poetisa derivavam decerto do facto de ela ter nascido em Nova Iorque, em 22 de Julho de 1849, no seio de uma família judia rica de origem sefardita portuguesa. Viveu entre 1849 e 1887 na cidade onde nasceu e, durante toda a vida, protestou contra a perseguição aos Judeus, envolvendo-se em esforços para ajudar os fugitivos da tirania russa. O seu interesse poderia provir também de ter sido em 1883 que começou a maior onda de imigração para os Estados Unidos. Esta veio a atingir o seu auge em 1903 tendo, então, chegado milhões de imigrantes provenientes de todos os países da Europa. Esses Europeus, através dos seus relatos, chamaram a

atenção dos Americanos para o pleno significado da palavra Liberdade e estes, devido ao contacto que tiveram com os recém-chegados, foram gradualmente ficando mais conscientes da importância daquele conceito.

Durante a sua vida, Emma Lazarus escreveu seis livros de poemas sobre temas variados, sendo quatro deles dedicados a Ralph Waldo Emerson, cuja obra muito admirava. Apesar disso, nos primeiros tempos, o poema que a Estátua da Liberdade lhe inspirou foi pouco apreciado pelos seus leitores (com excepção do poeta Lowell, que lhe reconheceu valor literário) como fica comprovado pelo facto de, na cerimónia de inauguração da estátua, terem sido lidos versos de Whittier e não "The New Colossus". Foi apenas duas décadas mais tarde que o poema começou a merecer reconhecimento vindo, nos nossos dias, a ser um dos mais citados da literatura americana a propósito da Estátua da Liberdade ou de imigração.

O poema passou, provavelmente, a adquirir mais significado devido a exprimir um aspecto da tradição nacional que afirmava que *Freedom* não era simplesmente o elo que ligava antigos aliados nem o símbolo das ideias liberais de justiça e liberdade mas era também a força motivadora que tinha contribuído para povoar a "wilderness" e para transformar o país naquilo que todos apreciavam.

Outros poemas, alguns da mesma época que o de Emma Lazarus, como o de Thomas Bailey Aldrich, intitulado "Unguarded Gates" de 1895, revelam que o simbólico monumento pode também inspirar ideias que reflectem alguns dos mais negativos aspectos da cultura americana expondo facetas de xenofobia e de nacionalismo branco. As palavras do poeta são bem reveladoras quando ele afirma:

Strange tongues and strange religions with unknown gods
and rites [are]
Accents of menace alien to our air.

A sua maneira de sentir em relação ao influxo dos imigrantes está bem clara sobretudo quando confessa: "I believe in America for Americans."

Por detrás da evolução das formas da Estátua da Liberdade, assim como das da *Lady Freedom* em Washington e de muitas outras esculturas públicas, pode ver-se uma narrativa reveladora. A estátua de *Lady Freedom* foi encomendada a Thomas Crawford, um escultor americano que vivia em Roma, em 1885, quando a construção do Capitólio, ele próprio um símbolo da união e da força da América, estava praticamente concluída.

O patrono de Crawford era o governo norte-americano tal como antes tinha sido também um governo o mecenas da *Lady Liberty* de Bartholdi. Ironicamente, esse patrono estava personalizado na figura do Secretary of War, Jefferson Davis, que defendia a extensão da escravatura a todos estados. No seu primeiro esboço para a estátua, Crawford apresentou uma personificação da paz e da vitória, com um ramo de oliveira e uma coroa de louros. Mais tarde, criou uma versão final que designou como "Armed Liberty" com um escudo dos Estados Unidos, uma espada e um círculo de estrelas à volta do "liberty cap" que tinha na cabeça. Esta versão correspondia obviamente às ideias de "Manifest Destiny", tão faladas na época.

Davis opôs-se a que *Lady Freedom* fosse representada com o barrete da liberdade decerto por estar consciente de que ele tinha sido utilizado pelos pintores abolicionistas que o viam como um símbolo da esperança de que os escravos da América viessem a ser libertados. Afirmou que o povo da América jamais tinha sido escravizado pelo que a Liberdade deveria ser representada com um elmo ou um capacete que, nas palavras de Davis, significasse a sua vitória sobre a tirania. O título foi igualmente alterado passando a ser "Statue of Freedom".

O escultor Thomas Crawford nasceu, tal como Emma Lazarus, em Nova Iorque e morreu em 1857, em Itália, antes de o modelo em gesso da sua estátua ter sido enviado por via

marítima para a América, em 1858. O transporte foi acidentado visto que o barco teve de ser reparado em Gibraltar e, posteriormente, após ter sido quase destruído devido a tempestades nas Bermudas, a estátua teve de ser transferida para outro navio que finalmente a levou, embora incompleta, para Nova Iorque. Foi apenas em Março de 1858, quase um ano após a partida, que os caixotes com as partes do modelo, que, entretanto, se tinham perdido, chegaram à América e foram levados para Washington. A estátua foi então entregue aos cuidados de um escravo negro numa fundição em Maryland. Foi, contudo, apenas em Dezembro de 1863, após o fim da Guerra Civil, que *Lady Freedom* foi finalmente colocada no seu lugar cimeiro na cúpula do Capitol.

Os escultores, tanto da Estátua da Liberdade como da de *Lady Freedom*, criaram as suas representações da Liberdade de acordo com o contexto das suas respectivas ideias de arte e de liberdade, dependendo dos seus *backgrounds* pessoais e do seu conhecimento de técnicas estéticas. Trabalharam também sob a vigilância atenta dos respectivos patronos, concebendo cada um deles a sua estátua à luz das concepções políticas e dos conceitos de *American Freedom* que defendiam. As pressões e as expectativas externas começaram a fazer-se sentir mesmo antes de terem surgido os primeiros esboços e ditaram as formas que as duas *Lady Liberty* deveriam assumir a fim de que pudessem ser consideradas como ícones aceitáveis do ideal americano.

Em relação à representação de Crawford da sua *Lady Freedom* é de referir que ela ignora as condições desumanas da escravatura de milhares de Negros que viriam a ser cidadãos americanos. Neste âmbito, é também irónico que tivessem sido justamente as mãos de um escravo negro chamado Philip Reed que tivessem fundido as diferentes peças de forma a constituir a estátua. A ironia do facto de a estátua ser um símbolo da Liberdade num país que legalizava a escravatura foi ainda mais reforçada quando o Presidente Lincoln, em 1863, no fim da

Guerra Civil, adoptou *Lady Freedom* saudando-a como o símbolo da unificação do país sob a hegemonia nortista, indo obviamente contra as intenções iniciais de Jefferson Davis.

Poderíamos concluir que as lutas dos Africano-Americanos e das mulheres para conseguirem obter direitos e tratamento iguais, em resumo, serem livres como os homens brancos americanos, não estão representadas nem na estátua da Liberdade de Bartholdi nem da de *Lady Liberty* de Crawford.

No princípio do século XX, William A. Cox, com o objectivo de glorificar o seu monumento preferido, escreveu um poema intitulado "The Goddess of *Freedom* How Lofty She" (1927), descreve ainda a Liberdade como uma deusa brilhando ao sol pretendendo assim gravar a sua imagem no espírito de todos os Americanos. Embora o poema de Cox não tenha grande mérito literário, é revelador do significado simbólico que *Lady Freedom* continuava a ter nos anos vinte, como se comprova na citação seguinte:

Aloft the Goddess of Freedom,
Aloft and alone in the skies!
Through winter winds, through summer climes,
Lights flash out from her eyes,
A beacon bright,
Through the stormy night
To all the world they loom –
Our love, our peace and freedom's joy,
From off the Capitol dome.

Contribuindo para a lista de representações do conceito de Liberdade personificado em formas femininas que fazem parte da memória colectiva dos Americanos, no campo da música surge, em 1945, o compositor Irving Berlin – de origem judia tal como Emma Lazarus – que, inspirado pela estátua e pela popularidade do poema "The New Colossus", compõe um *musical* intitulado *Miss Liberty* que foi representado com êxito na Broadway.

Além de obras literárias e musicais, são múltiplas igualmente as pinturas que representam a Liberdade. Entre elas destaco a aguarela intitulada "The Statue of Liberty, New York Harbor, NY" (1986) que Kay Smith, a pintora oficial das celebrações do 1.º Centenário da Estátua da Liberdade, produziu para The American Legacy, a conhecida coleção de pinturas históricas, com o objectivo de festejar o acontecimento nacional que celebrou a nova iluminação do monumento em 4 de Julho de 1986. Na mesma ocasião foi também produzido um filme histórico intitulado "The Statue of Liberty" de que foi realizador Ken Burns, conhecido por produzir este tipo de obras para as quais recorre a arquivos nacionais e a museus. O filme refere-se às diferentes manifestações de Liberdade no mundo e tem a colaboração de personalidades conhecidas do mundo do cinema e da literatura como Arthur Miller e Jeremy Irons. Como prova de que o impressionante símbolo que Bartholdi quis celebrar inspira não apenas os Americanos mas outros povos que procuram a Liberdade em todo o mundo pode referir-se o modelo da Estátua da Liberdade que os estudantes chineses ergueram na praça de Tianammen para simbolizar a sua revolução.

Nas representações contemporâneas o simbolismo do conceito é explorado e reavaliado, como se verifica na obra da poetisa negra Rita Dove intitulada "Lady Freedom Among Us" (1993). Rita Dove foi a United States Poet Laureate e Consultant in Poetry para a Library of Congress (1993-1995), é Professora de Inglês na Universidade de Virgínia e é também a autora do texto do narrador da obra sinfónica de Alvin Singleton intitulada *Umoja-Each One of Us Counts*, que foi apresentada durante as festividades de abertura dos Centennial Olympic Summer Games de 1995.

O poema foi lido pela autora por ocasião da reposição da estátua *Freedom* na cúpula do Capitol, em 23 de Outubro de 1993, quando da celebração do 20.º centenário do edifício. Foi feita uma edição de luxo do poema sendo apenas produzidos

cem volumes. O texto está impresso em oito folhas de papel de fabrico artesanal, com a dimensão de 7x16cm., dobradas de forma constituir uma representação tridimensional de *Lady Freedom*. A imagem, que o ilustra, inclui dois perfis e uma vista de frente. Está encadernado com uma capa azul clara em que está impressa uma imagem do Capitol a branco e foi concebido para poder estar em posição vertical.

A poetisa é autora igualmente de um *On-line Project* (<http://etext.lib.virginia.edu/>) com o mesmo título do poema, que, além de imagens e texto, contém também o som da sua própria voz lendo o texto. Deste modo, alcança um público mais alargado e esse aspecto é tanto mais importante quanto a obra, pelo seu conteúdo ideológico, vem, de algum modo, restabelecer o equilíbrio preenchendo as já referidas lacunas que se encontram nos poemas anteriores e apresentando *Lady Freedom* de uma perspectiva mais consentânea com a nossa época.

Por estes motivos, tendo em consideração o que afirmei a propósito das obras que acima me referi, parece adequado terminar estas reflexões sobre o modo como os Americanos, ao longo do tempo e através de diferentes manifestações artísticas, têm representado simbolicamente o ideal de Liberdade citando estes versos do poema de Rita Dove:

... with her oldfashioned sandals
with her leaden skirts
with her stained cheeks and whiskers and heaped up trinkets
she has risen among us in blunt reproach
she has fitted her hair under a hand-me-down cap
and spruced it up with feathers and stars
slung over one shoulder she bears
the rainbowed layers of charity and murmurs
all of you even the least of you
don't cross to the other side of the square
.....

Having assumed the thick skin of this town
Its gritted exhaust its sunscorch and blear
She rests in her weathered plumage
Bigboned resolute
Don't think you can ever forget her
Don't even try
She's not going to budge.